

## MASCULINIDADES INQUIETAS: UMA POSSÍVEL REFLEXÃO...

*Sofia Marques da Silva*

**Resumo** Este trabalho situa-se no quadro de um estudo das masculinidades que desenvolvi enquanto bolsista, no projecto "A Autonomia Visível das Raparigas e a Desafecção dos Rapazes na Escola?". Toma-se como interrogação a visão generalizada de que as raparigas estão a aumentar a sua autonomia na escola e de que os rapazes se estão a distanciar. Ao procurar os sentidos inquietos do masculino, pretende-se questionar esta visão, descobrindo como as transformações ocorridas no "mundo das mulheres" e a crescente deslegitimação do modelo masculino tradicional destabilizam o lugar e a posição dos homens, criando dilemas e conflitos entre diferentes tipos de masculinidade.

**Palavras-chave** Masculinidades, identidade, género, educação.

Pensarmos hoje as questões de género é fazermo-nos escutantes de outras subjectividades, outras experiências, significados e reflexões. Conceitos como "feminilidade" e "masculinidade" ganharam sentido no plural. Urge, assim, fazer outros encontros, no sentido de questionar regimes de verdade, binarismos, de misturar formas de conhecimento e de entender a realidade e o mundo. É preciso inventar palavras, conceitos que não se inibam perante outros significados que possam assumir.

Hoje, na pós modernidade ou na modernidade tardia, conforme optemos por Boaventura de Sousa Santos (Santos, 1997), ou por Anthony Giddens (Giddens, 1996), respectivamente, não se pode evitar o confronto com as identidades fluidas e híbridas que, inseridas num projecto reflexivo, têm que ser, hoje, "em grande parte descoberta(s), construída(s) e activamente sustentada(s)" (Giddens, 1997: 70).

As características que fazem paralelo com o masculino e o feminino perdem sentido. O presente valoriza a ambiguidade, a fragmentação, a indefinição, as "zonas cinzentas" do comportamento, referidas por Messeder Pereira (Pereira, 1995). Torna-se premente desconstruir processos complexos, como o "tornar-se homem" ou o "nascer mulher". Pensar os modelos de masculinidade e feminilidade implica reconsiderarmos mitos que à sua volta se construíram.

A maioria das vezes, a aprendizagem da masculinidade faz-se pelo cultivo de uma atitude antagónica em relação às mulheres, de uma cultura anti-mulher, em que se rejeita tudo o que for percebido como feminino. Por exemplo, mostrar emoções, cuidar de outras pessoas e do próprio corpo, falar sobre sentimentos e, também, como nos alerta Laura Asturias, ter sucesso na escola (Asturias, 1997: 3). É necessário perceber constrangimentos que parecem regular o universo masculino,

até porque se percebem descontinuidades entre o modelo dominante de masculinidade e o modelo de socialização da família e da escola, como foi demonstrado pelos resultados do projecto ARIANNE (Arianne, 1996). Questionamo-nos sobre os dilemas que enfrentam hoje os rapazes nos vários espaços de socialização.

As formas de aprendizagem, proporcionadas pela sociedade, transmitem todos os dias a meninos e meninas uma imagem estereotipada, distorcida e limitada da masculinidade. No entanto, e de acordo com Connell, "a masculinidade hegemónica" é sempre construída em relação a diversas masculinidades subordinadas, bem como em relação às mulheres (Connell em Morrow e Torres, 1997: 365). Mas também encontramos formas de resistência ao modelo hegemónico da masculinidade, sendo necessário questionar o sentido dos desvios, resistências, a forma de os viver. A masculinidade, não sendo um objecto autónomo, antes, como refere Connell, um aspecto de estrutura social mais alargado (Connell, 1995: 67), revela-se de difícil estudo e análise.

Existe hoje uma visão generalizada de que as raparigas estão a aumentar a sua autonomia na escola e de que os rapazes se estão a distanciar dela. Ao procurar os sentidos inquietos do masculino, pretende-se questionar esta visão, descobrindo como as transformações ocorridas no "mundo das mulheres" e a crescente deslegitimação do modelo masculino tradicional destabilizam o lugar e a posição dos homens, criando dilemas e conflitos entre diferentes tipos de masculinidade. É uma ordem que se quebra, ou que se interrompe, um desfasamento entre modelos. É necessário problematizar a construção das masculinidades, percebendo o olhar dos jovens sobre si e as atitudes que tomam perante estas mudanças, perante a "feminização" de algumas esferas da sociedade, como o caso do ensino. É pertinente compreender os papéis atribuídos aos rapazes na escola, interrogar essa atribuição e o sistema de valoração a ela inerente. Que lutas se podem perceber entre a força e as fragilidades? Que margens, que estrangimentos pode experimentar um rapaz no processo de construção da sua identidade em contexto escolar? Como se reflecte tudo isto, eventualmente, no insucesso dos rapazes, que parecem ausentar-se de uma cultura de projecto pressuposto pela escola e desenvolvem culturas de resistência e rejeição dos valores da escola?

Alguns estudos demonstram que têm crescido as preocupações com o baixo rendimento de rapazes na escola (Reed, 1999; Benjamin, 2001; Gough e Peace, 2000; Epstein, Elwood, Hey e Maw 1998). Alguns autores/as, como Robert Bly, Steve Biddulph e Neil Lydon (Debbie Epstein, 1998), referem que se atribui o baixo rendimento dos rapazes aos ataques de mulheres assertivas, principalmente feministas (*ibidem*: 6). Procuram-se justificações para a insegurança dos rapazes. De que tipo de insegurança estamos a falar?

No entanto, existem muitas dúvidas sobre os reais resultados do sucesso de muitas raparigas, que surgem, nomeadamente pelas discrepâncias entre o sucesso académico e o sucesso profissional. Pat Mahony chama-nos a atenção, acima de tudo, para a natureza desta preocupação pelo sucesso académico (Mahony, 1998: 39), e faz a análise aproximando estas questões com as exigências da globalização económica.

Se, por um lado, nos interessa compreender as crescentes preocupações pela

fraca realização escolar dos rapazes, bem como reflectir sobre a naturalização deste discurso acerca da sua desvantagem, por outro lado, pretendemos escutar e compreender o movimento e a forma das subjectividades e das culturas de rapazes nas escolas e na comunidade, conhecer os desejos e aspirações que os mobilizam, a maneira como os exteriorizam, tendo como enquadramento uma noção alargada de justiça social que Lynn Raphael Reed e outras autoras consideram ir além da ideia de distribuição de bens materiais, permitindo perceber e dismantelar diferentes formas de opressão e dominação e a maneira como são experimentadas (Reed, 1999: 72).

Pretende-se, neste sentido, perspectivar e interrogar as masculinidades na escola, nos permeios das rotinas que a compõem, tendo em conta que ali se aninham realidades compósitas e estruturantes. É que a escola é hoje um espaço heterogéneo, nela se cruzam questões de género, com classe e etnia. De acordo com Connell, é também na interacção e intersecção destas estruturas que emergem e se reconhecem múltiplas masculinidades (Connell, 1995: 75).

O caminho, para este estudo, possibilita-se entre a escola e a comunidade, onde se procuram encontrar espaços e tempos de socialização masculinos. Que discrepâncias se podem adivinhar entre estes dois universos? Que lugares ali se guardam e desenham para as masculinidades? Como se revêem os rapazes, numa escola cada vez mais "ocupada" por raparigas? Será necessário um "fazer conversa", buscando o ruído particular que só a experiência vivida assume, na tentativa de encontrar um significado das coisas.

Necessário também é perspectivar formas de continuidade e de mudança nas representações sobre as masculinidades; equacionar a possível dimensão das novas concepções e procurar os lugares em que se constroem e legitimam simbolicamente.

A masculinidade, tornada plural, obriga-nos a possuir novas capacidades de aceitação do diferente, do Outro, da Outra, de outras divisões; obriga a leituras diferentes, a interrogarmo-nos, por exemplo, sobre a utilidade do termo masculinidades, e feminilidades ou sobre o que queremos realmente que masculino e feminino signifique. Que limitações ou delimitações podem ser pensadas? O que pode caber na designação?

As masculinidades não se fazem ao caminho sozinhas, fazem-se entre e com outros movimentos, nunca isoladamente. A mudança, quando imaginada, tem que se posicionar entre vários pulsares, tem que se realizar em simultâneo com outras mudanças; não se faz só no exterior, é feita de invasão: de mundos privados, de vidas comuns, de rotinas; do impossível pelo possível... Indagar o desejo ou o não desejo de mudança também pode ser interessante.

As imagens de homens em universos tradicionalmente femininos invadem o nosso quotidiano. Falta saber se existe identificação com estas imagens por parte dos jovens rapazes; se as reconhecem como possíveis alternativas. E as raparigas, como lidam com estas novas imagens? Como se situam a partir dos novos modelos pensados para o masculino?

Um alcance pretendido com este estudo prende-se com a intenção de contribuir para o reequacionar do masculino nos estudos de género, imaginando outro

tecido simbólico para os sentidos do feminino e do masculino. Pretende-se, assim, e no sentido do enriquecimento dos estudos de género, o afastamento da concepção dos homens como um grupo homogéneo, e a aproximação a uma concepção em que reproduzem e resistem a múltiplas e conflituosas formas de masculinidade (Gough e Peace, 2000: 387).

Pretende-se buscar as relações subjectivas e intersubjectivas que permeiam os discursos hegemónicos de género, de masculinidade e feminilidade, procurando encontrar as regularidades, mas também indagar as singularidades; roubar ao silêncio formas de pensar as questões de género através de uma outra escuta em direcção às masculinidades.

### Referências bibliográficas

- Asturias, Laura (1997), "Construcción de la masculinidad y relaciones de género, *Forum Mujeres en Lucha por la Igualdad de Derechos y la Justicia Soci*, Guatemala, (Pesquisa na internet — masculinidade).
- Benjamin, Shereen (2001), "Challenging masculinities, disability and achievement in testing times", *Gender and Education*, 13, (1), 39-55.
- Connell, Bob (1995), *Masculinities*, Cambridge, Polity Press.
- Giddens, Anthony (1996), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (1997), *Para Além da Esquerda e da Direita*, Oeiras, Celta Editora.
- Epstein, Debbie, Jannette Elwood, Valerie Hey e Janet Maw (1998), "Schoolboy frictions, feminism and 'failing' boys", em Debbie Epstein *et al.* (orgs.), *Failing Boys?*, Londres, Routledge.
- Gough, Brendan, e Paul Peace (2000), "Reconstructing gender at university, men as victims", *Gender and Education*, 12 (3), 385-398.
- Mahony, Pat (1998), "Girls will be girls and boys will be first", em Debbie Epstein *et al.* (orgs.), *Failing Boys?*, Londres, Routledge.
- Morrow, Raymond Allen, e Carlos Alberto Torres (1997), *Teoria Social e Educação*, Porto, Edições Afrontamento.
- Pereira, Carlos Alberto Messeder (1995), "Que homem é esse? O masculino em questão", em Sócrates Nolasco (org.), *A Desconstrução do Masculino*, Rio de Janeiro, Rocco
- Pesquisa na Internet: Masculinidade, 53-58.
- Projecto ARIANNE (1996), *Alargando os Horizontes Masculino e Feminino através da Masculinidade Adolescente*, Porto, FPCEUP.
- Raphael Reed, Lynn (1999), "Troubling boys and disturbing on masculinity and schooling, a feminist exploration of current debates and interventions concerning boys in school", *Gender and Education*, 1.
- Raphael Reed, Lynn (1998), "'Zero tolerance'", gender performance and school failure", em Debbie Epstein *et al.* (orgs.), *Failing Boys?*, Londres, Routledge.
- Santos, Boaventura de Sousa (1997), *Pela Mão de Alice*, Porto, Edições Afrontamento.

Sofia Marques da Silva tem desenvolvido alguns trabalhos de investigação em torno das questões de género, estudos sobre as mulheres e desenvolvimento local. Enquanto bolsista técnica de investigação no projecto "A autonomia das raparigas e a desafecção dos rapazes na escola?", realizou um estudo que contempla a construção das masculinidades em contexto escolar. É membro efectivo da Linha 4 "Género e Educação numa Perspectiva Pluridisciplinar", do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE), da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.